



PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA JOVEM COM SÍNDROME DE DOWN E COMPORTAMENTOS AUTÍSTICOS

Giulia Castellani Boaretto¹
Carla Salati Almeida Ghirello-Pires²

INTRODUÇÃO

Para Vygotsky (1987), o que nos define como humanos não é o nosso potencial biológico, mas sim, as nossas funções mentais superiores, as quais são internalizadas a partir da inserção do homem nas práticas sociais de uma determinada cultura. A apropriação da cultura se dá pela significação, ou seja, o homem precisa internalizar os significados do mundo para que possa interagir com seus semelhantes e esse processo é realizado pela apropriação da linguagem.

Ter acesso ao Sistema de Escrita Alfabética do português possibilita que a pessoa se aproprie da experiência humana acumulada e, dessa forma, seja sujeito ativo na construção da sua identidade cultural.

No caso dos sujeitos com síndrome de Down, a linguagem é uma das áreas que os sujeitos irão apresentar dificuldades. Contudo, temos como pressuposto que sujeitos com alguma deficiência passam pelas mesmas etapas que seus coetâneos, só que por caminhos diferentes, os quais poderão ter um tempo diferenciado, necessitando de instrumentos diversificados (VYGOTSKY, 1987).

A comorbidade entre a síndrome de Down (SD) e o autismo é pouco relatada na literatura brasileira. Em crianças que apresentam comportamentos autísticos, associados à síndrome de Down, podemos observar maiores dificuldades cognitivas e comportamentais. No autismo há prejuízo tanto na comunicação verbal quanto na não-verbal, além de dificuldades de interação social recíproca, de brincar e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipados. (GADIA; TUCHMAN; ROTTA,

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: gcbmonitoria@gmail.com

2 Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB. Endereço eletrônico: carlaghipires@hotmail.com



2004; KLIN, 2006; CASTILLO et al, 2008; RAPIN; GOLDMAN, 2008).

Não descartando questões orgânicas, no caso dos sujeitos com a comorbidade, existem ainda dificuldades, relatadas pela literatura da área, que podem contribuir para fortalecimento de algumas dificuldades no processo de alfabetização, como: frequentes problemas de audição em diferentes níveis; dificuldade no processamento da memória auditiva; déficit na coordenação motora, que pode acometer a sincronia dos movimentos para a produção oral, incluindo movimentos de articulação dos órgãos fonoarticulatórios; déficits cognitivos; dentre outros (PORTER, 1999; MARCELL, 1995; KUMIN, 1997; BUCKLY; BIRD, 1994; TRANCOSO; CERRO, 1999).

Mesmo compreendendo como um desafio mediar o processo de alfabetização de um sujeito que apresenta as duas condições, síndrome de Down e comportamentos autísticos, temos como bases teóricas, a teoria histórico-cultural e a Neurolinguística Discursiva (ND), que consideram a plasticidade do sistema nervoso, possibilitando que visualizemos a potencialidade do sujeito para aprender.

A plasticidade cerebral envolve capacidades adaptativas dos sujeitos a mudanças, transformações, uma característica do cérebro de conviver e se ajustar a novos aprendizados, modificando assim sua organização estrutural e funcional. (SAMPAIO, 2016; KANDEL; SCHAWARTZ, 2003).

Com base nos pressupostos apresentados, este estudo tem como objetivo apresentar resultados obtidos no processo de alfabetização de uma jovem com síndrome de Down e comportamentos autísticos, através da mediação pedagógica, evidenciando os aspectos linguísticos presentes.

METODOLOGIA

A jovem, sujeito de investigação desse estudo, de 15 anos, há 8 anos matriculada no ensino regular –neste trabalho chamada de **AB** -, foi escolhida por apresentar comportamentos autísticos em comorbidade à síndrome de Down, o que dificulta sua aprendizagem e precisa de uma mediação ainda mais direcionada. A presente pesquisa se constitui, assim, em um estudo de caso, longitudinal, e a abordagem se dá de forma qualitativa.

Foram realizados atendimentos, que ocorreram 2 vezes na semana, no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Neurolinguística – LAPEN, em Vitória da Conquista, Bahia, no



período de fevereiro/2016 a março/2017, com duração de 45 minutos, cada atendimento. Os atendimentos foram baseados em: avaliação inicial; desenvolvimento de atividades previamente planejadas, com utilização de histórias infantis e músicas, de acordo aos interesses de **AB**.

A partir das letras das músicas e das histórias infantis, eram retiradas palavras que faziam parte da composição dos textos e contextualizadas, trazidas para o cotidiano de **AB**, investigávamos assim, seus conhecimentos prévios, e proporcionávamos informações para elaboração de novos significados. Depois, eram planejadas atividades que visassem proporcionar avanço quanto ao processo de aquisição da leitura e escrita.

Quanto aos comportamentos autísticos, **AB** manifestou durante os atendimentos: comportamentos estereotipados; ecolalia; ausência de tentativas de comunicação ou interação espontânea; apego a um determinado objeto; dificuldade em estabelecer contato visual.

Para registro dos dados, realizamos filmagens, gravações de áudio e anotações em caderno de campo, possibilitando descrições detalhadas dos atendimentos e resultados obtidos quanto ao processo de alfabetização. Os dados foram interpretados com base na teoria histórico-cultural, ND e nas contribuições de Cagliari.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em avaliação inicial, durante a escrita do nome, **AB** não conseguiu se quer colocar a inicial, colocando letras aleatórias, espalhadas pela folha, sem ideia de continuidade, linearidade, espaçamento. Não reconhecia o nome das letras e nem os diferentes sons que elas poderiam representar. Mostrou apenas familiaridade com as vogais e quando dispostas em sequência, expressando aprendizado mecânico e sem significação. Antes da apresentação das histórias infantis e músicas, foram realizadas diferentes atividades voltadas para a escrita do nome de **AB**, dentre elas: montagem com letras móveis; colagem com letras de revistas; nomeação da autoimagem, a partir de fotos; elaboração de um documento de identidade com os dados para que ela pudesse assinar. Sempre explorando as significações e ressaltando a importância de escrever o próprio nome. Com a escrita do nome também foram exploradas as consoantes e vogais. No quinto mês de atendimento, **AB** conseguiu escrever seu nome sem auxílio. Nos meses seguintes, algumas vezes omitia letras, ou então, efetuava trocas, mas sempre conseguindo transmitir os



segmentos necessários para a compreensão. Como **AB** apresenta ecolalia imediata, utilizamos a repetição como recurso na escrita do nome próprio. Sempre que **AB** estava escrevendo o nome, repetíamos as letras em sequência e aguardávamos ela repetir. Assim que ela repetia o segmento, direcionávamos para que ela continuasse escrevendo, o que favorecia o processo de memorização.

Como afirma Cabral (2007), antes mesmo da criança nascer, durante o seu processo de existência social, o nome já é atribuído e a apropriação do nome próprio já configura um repertório inicial de letras e representações de sons que possibilita que a pessoa em processo de aquisição da leitura e escrita crie diferentes possibilidades, o que se efetivou no trabalho realizado com **AB**.

Na mediação, desenvolvida com **AB**, foi necessário o uso de diferentes estratégias, a grande maioria com utilização de recursos visuais, e considerando um tempo maior para que **AB** conseguisse apreender os conteúdos desejados. Todas as atividades foram organizadas de forma clara, com comandos limitados.

Durante tentativas de expandir a comunicação oral de **AB**, em um dos atendimentos **AB** apontou para uma imagem e falou em voz alta “Sítio do pica pau”. A partir desse momento, foram desenvolvidas diferentes atividades para identificação de letras, formação de palavras, com utilização de músicas, trechos de narrativas, nome dos personagens, envolvendo o enredo de Monteiro Lobato.

Em uma das atividades sobre o “Sítio do pica pau amarelo”, ao trabalharmos com a letra da música da personagem “Cuca”, selecionando as vogais e formando outras palavras a partir delas, **AB**, com espontaneidade, tentou escrever o nome “CUCA”, colocando o “U A”. Segundo Cagliari (1999) este fato pode acontecer no processo de aquisição da escrita, pois o estudante escreve apenas um dos elementos da sílaba, de acordo a forma que analisa a fala, se repete a palavra da forma “CUUUCAAA” acaba salientando as vogais e pode omitir na escrita a consoante. Para Moraes (2011) em um primeiro momento, em línguas como o português, o espanhol, o francês e o catalão, as crianças tendem a crer que precisam por uma letra para cada sílaba, para só depois se darem conta de que em nosso sistema as letras substituem segmentos menores do que as palavras orais. Desta forma **AB** está perfazendo o mesmo processo que qualquer criança em processo de aquisição da escrita.

CONCLUSÕES



No decorrer dos atendimentos, **AB** apresentou avanço no processo de aquisição da leitura e escrita, começando a relacionar segmentos sonoros com possibilidades de grafia. Devemos considerar que, como para qualquer criança, as motivações que levam **AB** a produzir suas hipóteses tem sempre uma razão e devem ser compreendidas à luz da linguística e não em função da síndrome de Down, ou comportamentos autísticos. Com mediação, é possível que **AB** continue avançando em seu processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Autismo. Mediação. Síndrome de Down.

REFERÊNCIAS

BUCKLEY, S.J.; BIRD, G. **Meeting the educational needs of children with Down syndrome**. Portsmouth: Sarah Duffen Centre/University of Portsmouth. 1994.

CABRAL, J. P. O limiar dos afetos: algumas considerações sobre nomeação e a constituição social de pessoas, 2007. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/fabrica/txts/cabral/limiar.doc>. Acesso em 10 de Março. De 2017.

CAGLIARI, L. C. **História da alfabetização**. Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu. São Paulo: Scipione, 1999.

CASTILLO, H. et al. Difference in age at regression in children with autism with and without down syndrome. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v.29, n. 2, p. 89-93, 2008.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. S 83- 94, 2004.

MARCELL, M.M. Relationships between hearing and auditory cognition in Down syndrome youth. **Down syndr. Res. Pract.**1995.

PORTER, J. (1999). Learning to count: a difficult task? **Down Syndr. Res. Pract.**, 6, 1999. p.85.

KANDEL, E.; SCHAMARTZ, J. **Princípios da Neurociência**. São Paulo: Manole, 2003.



KUMIN, L. **Como favorecer las Habilidades Comunicativas de los Niños com Síndrome de Down.** Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 28 (supl I), p.3-11, 2006.

MORAES, A. G. de. Qual o papel de diferentes habilidades metafonológicas no aprendizado da escrita alfabética, se a concebemos como um sistema notacional (e não como um código)? In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil.** Porto Alegre: EdPUCRS. Porto Alegre. 2011

RAPIN, I. Distúrbios da comunicação no autismo infantil. In: CHEVRIE-MULLER, C; NARBONA, J. **A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAMPAIO, N. Um olhar para o sujeito com dificuldades na linguagem: contribuições da Neurolinguística Discursiva. GHIRELLO-PIRES, C.S.A. (Org.). **Síndrome de Down: Perspectivas atuais.** 1ed. 2016. p.159.

TRONCOSO, V. M.; CERRO, M. M. **Síndrome de Down: lectura y escritura.** Barcelona: Masson, 1999.